

Anais do I Simpósio de História e Cultura:
Política - Estética - Alteridade DE 17 A 21 DE JUNHO DE 2002
 UFU / URBELÂNDIA-MG

AS RAÍZES COMUNICATIVAS DO RISO NA CULTURA

Fernando Lira Ximenes¹

Na essência, o riso é um reflexo físico-biológico, inato e, algumas vezes, instintivo, portanto pertencente aos códigos primários. Essa afirmação parece, à primeira vista, contrariar algumas concepções nas quais o riso é uma manifestação do corpo adquirida e aprendida socialmente. No entanto, tais concepções só passam a ser válidas, quando o risível (objeto do riso) é tratado como texto, formado a partir de códigos terciários, inserido na segunda realidade. Por outro lado, as contribuições de áreas do conhecimento como a Biologia, a Antropologia e da Etnologia, para o entendimento da filogênese e da ontogênese do riso, foram por muito tempo renegadas ao segundo plano.

Aristóteles(384-322 ac), em seu estudo sobre as partes dos animais, abre o caminho à toda uma tradição fisiológica que explica o riso através do funcionamento do diafragma humano. Segundo o filósofo, o diafragma divide o corpo em duas partes: a alta e nobre, composta pela cabeça, pulmões e coração; e a baixa e menos nobre, em que se localiza abdômen, fígado, baço, vesícula, intestino. O humor quente², devido a digestão, advindo da parte baixa em direção à alta, passando pelo diafragma, provoca uma perturbação na sensibilidade e no raciocínio. O pensamento se opõem ao movimento,

¹ Mestrando do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP

² A palavra humor derivou do latim. Por muitos séculos, todo humor corporal era considerado signo ou causa de doença. Em alguns livros clássicos de medicina atribuíam quatro tipo de humor produzidos pelo o homem, isto é, o sangue, a cólera, a flêuma e a melancolia, e estes humores eram as causas de suas enfermidades.(PIRADELLO, 1996:20)

quando o diafragma é sensibilizado pelo calor advindo das partes baixas, ocasionando o riso.

Verena Alberti em seu livro *O riso e o risível na história do pensamento*, dedica um capítulo completo sobre um certo tratado do riso, publicado em 1579 por Lautrent Joubert, conselheiro e médico ordinário do rei e chanceler da Universidade de Medicina de Montpelier. A obra de Joubert é uma das mais densa já publicada, “voltada exclusivamente para a questão do riso” — o *Tratado do riso, contendo sua essência, suas causas e seus maravilhosos efeitos, curiosamente pesquisados, refletidos e observados*. O autor do tratado expande os estudos de Aristóteles sobre o diafragma e descreve detalhadamente o circuito do riso: primeiramente a matéria do riso penetra na alma através da audição e/ou da visão³; o pensamento provoca o movimento do diafragma; o peito se agita; há compressão pulmonar decorrente dessa agitação; a voz fica entrecortada; acontece o alargamento da boca, decorrente da ação dos músculos do peito, dos espíritos e dos vapores sangüíneos que também esticam os músculos da face.

Em seus estudos, o etnologista Ireneaus Eibl-Eibesfeldt faz um paralelismo entre o comportamento dos primatas e dos humanos que servem para provar as nossas “origens animais” e que o riso não é um privilégio da nossa raça. Eibl-Eibesfeld, pesquisando os macacos, constatou que estes, quando se juntam para ameaçar ou atacar o inimigo, produzem um arquejo sussurrado, expirando e inspirando, semelhante ao riso humano. Os chimpanzés riem também quando fazem cócegas uns nos outros, como as crianças. No entanto, as mais importantes conclusões deste etnologista na questão do riso partiram da observação de várias fotografias tiradas nos quatro cantos do mundo, em que ele constatou que todas as pessoas de todas as culturas e de todas as raças tinham a mesma expressão

³ Joubert considerava riso bastardo aquele provocados por estímulos táteis (as cócegas). Ela não se interessava por este tipo de riso.

reconhecida culturalmente como riso. Provando, desta forma, que tal comportamento do homem não é um simples “fruto da aprendizagem e que ele possui realmente, do mesmo modo que o animal, uma base inata, instintiva”⁴.

Este fato, também, pode ser constatado pela observação do estado embrionário até a função dos organismo, em que ocorre uma constante comunicação entre a mãe e o ser vivo. Realiza-se, nesse primeiro momento, transformações de âmbito fisiológico e uma permanente acumulação de informações, através dos sentidos que entram em contato com o ambiente aquoso. O futuro bebê se forma por transformações metabólicas e transferências de informação provenientes da hereditariedade das células. È, portanto, nesse mundo não social, mas comunicativo, que desenvolvemos nossas primeiras sensações e, em consequência disso, criamos as nossas primeiras expectativas.

A frustração de qualquer expectativa apreendida no ambiente pré-natal, provoca uma sensação de estranhamento nesse novo ser, detectada inicialmente pela mãe e mais tarde socialmente, através dos códigos do corpo. O estranhamento pode ser, portanto, um sentimento cognitivo ou um reflexo gerado pela mudança brusca de uma situação conhecida ou esperada por uma desconhecida ou inusitada.

“A mudança de um espaço quente e aquoso para um espaço frio, aéreo e hostil exige a manifestação explícita do novo ser, seja pelo choro, seja pelas outras linguagens de seu corpo: linguagens térmicas (a febre ou a hipotermia), linguagens olfativas (odores normais e anormais) ou linguagens visuais (arroxamento ou amarelamento da pele, da face, dos lábios, cor das fezes) (OLIVEIRA 1995:45)

Nesses instantes iniciais de vida, todo O primeiro grande estranhamento inicia-se no momento do nascimento, como descrito por Maria do Carmo Oliveira em sua tese de mestrado, *A comunicação do recém-nascido de 0 a 5 horas: a respiração :o estranhamento advém do desconforto e da dor. Contudo, passado alguns minutos, o estranhamento poderá*

⁴ ROPARTZ, A Etiologia Humana, p. 228

derivar do estado de conforto e de prazer. Assim, a criança recém-nascida sente prazer dos afagos, dos carinhos, da alimentação e da presença da pessoa que lhe proporciona todos esses sentimentos agradáveis, respondendo com o relaxamento do corpo, através das expressões faciais tranqüilas, remetendo-nos a um leve e delicado riso. Inicia-se, desta forma, as primeiras relações de vínculos entre a mãe e o recém-nascido⁵. A criança ainda não reage com o riso a situações, palavras ou fisionomias complexas.

Em seus estudos, o etnólogo J.Thompson concluiu que os primeiros movimentos de expressão das crianças surdas e cegas são inatos. Ele constatou que o sorriso, o riso e diversas expressões complexas nas crianças deficientes são idênticas as das crianças normais.” Só à medida que vão crescendo é que os pequenos cegos sorriem cada vez menos, ao passo que a freqüência de aparecimento dos seus choros é a mesma”. Em um trabalho experimental, R. ^aSpitz e K.Mwolf demonstram que o riso deriva de um reflexo físico nos primeiros meses de uma criança. Eles verificaram que uma criança de 3 a 6 meses sorri a quase todos os objetos postos acima da cama sejam eles agradáveis ou assustadores. Somente por volta dos 7 ou 8 meses é que a criança reage adequadamente a rostos sorridentes.

Ao tratarmos o riso como manifestação física-biológica não desprezamos seu potencial de comunicação. Sua parcela inata e instintiva, comprovada por alguns estudos, não o impede que ele se amplie, seja modificado e aprendido no seio da sociedade. Pois, o riso, além de estar no domínio do corpo, tem sua relação com códigos que se estabelecem fora deste.

⁵ Bailello, relata que o biólogo H.F Harlow, em um famoso experimento a respeito do conceito de amor materno entre chimpanzés, classifica cinco sistemas afetivos de base: sistema afetivo maternal; sistema de amor do filho pela mãe; sistema afetivo da mesma faixa etária; sistema afetivo heterossexual; e sistema paternal ou adulto. As investigações de Harlow apontam para compreensão complexa dos vínculos afetivos (e comunicativos) primordiais entre os primatas. (BAITELLO,1998:11)

Embora esses códigos pertençam a segunda realidade, eles não deixam de interferir nos códigos físicos-biológicos, os códigos primários. E, ao nosso ver, somente o conhecimento detalhado da filogênese e da ontogênese do riso na primeira realidade é que poderemos chegar a entender os seus verdadeiros mecanismos produzidos pela segunda realidade.

O homem nasce, desenvolve-se, adquire hábitos, gestos impostas pelas regras de conduta social. Ele se torna escravo de suas expectativas e, quando esta é frustrada, acontece o estranhamento que pode ocasionar as mais diversas reações, inclusive o riso. O corpo se manifesta como resposta a incongruência entre a razão e o entendimento diante do risível. O riso surge, assim, como a recuperação do prazer que se perdeu com a crítica.

O estranhamento, em todas épocas e lugares, derivado de aspectos da vida que fogem à normalidade, às expectativas, tem sido o responsável, para muitos estudiosos, fonte principal do riso. De acordo com Bergson, o estranhamento acontece ao percebermos que muitas das situações não correspondem à continuidade livre da vida, mas a uma rigidez, a um automatismo e a uma mecanicidade própria dos brinquedos:

“O mecanismo rígido que deparamos vez por outra, como um intruso na continuidade viva das coisas humanas tem em nós o interesse particularíssimo, porque é um desvio da vida” (BERGSON, 1983: 50)

Das raízes da cultura, o lúdico, no qual deriva o riso, é o que mais representa uma realidade que caminha lado a lado com o mundo sério. É nos jogos e nas brincadeiras que qualquer austeridade, formalidade e rigidez é transgredida, é burlada e invertida. No lúdico quebra-se a hierarquização e estabelece a intimidade, a descontração, o informal e o espontâneo. A realidade da vida adulta é a da seriedade, da rigidez, dissociada das brincadeiras infantis. É vergonhoso, portanto, comporta-se infantilmente quando se é adulto, foge às regras sociais e da natureza. Segundo Freud, “as forças

motivadoras das fantasias são os desejos insatisfeitos, e toda fantasia é a realização de um desejo, uma correção da Realidade insatisfatória.(FREUD, 1992: 423). Deste modo, o passado, o presente e o futuro estão entrelaçados pelo fio do desejo e ao rirmos estamos tentando reprimir este desejo.

O pensador russo Vladimir Propp, depois de examinar numerosos e variados exemplos de comicidade na literatura, no jornalismo, no teatro, no cinema, no circo e na vida diária, relaciona à transgressão aos códigos de conduta a causa do riso:

"Os habitantes de uma cidade, de um lugarejo, de uma aldeia, até mesmo os alunos de uma classe possuem algum código não escrito que abarca tanto os ideais morais como os exteriores e os quais todos seguem espontaneamente. A transgressão deste código não escrito é ao mesmo tempo a transgressão de certos ideais coletivos ou normas de vida, ou seja, é percebida como defeito, e a descoberta dele, como também nos outros casos, suscita o riso."(PROPP, 1976: 59)

“A cultura é condicionada essencialmente pelo inconsciente” — nos fala Baitello — e pela memória ela se cria, se realiza. A memória não está em um local determinado do ser, na matéria física “O lugar da memória é no social”⁶ É nela, na memória, que o indivíduo (res)guarda todas as suas emoções do passado, realizadas pelo processo seletivo da necessidade, num exercício criativo e contínuo de atualizações e que entra em contato com a vida atual, retomado pela lembrança. O corpo, “este grande esquecido”, que na visão de Pross⁷, é nossa primeira mídia, tem participação primordial na conservação, criação e transmissão dessa memória:

“(...) quando um corpo fala, muitas vozes estão falando neste corpo, as vozes arqueológicas dos primatas, da nossa vida lá em cima das árvores as vozes mitológicas dos nossos antepassados, as vozes culturais do nosso passado, as vozes presentes dos nossos ausentes, dos nossos fantasmas, e as vozes futuras dos nossos sonhos e das nossas prospecções” (BAITELLO, notas 25/10/2001.)

⁶ BAITELLO, notas, 22/08/2001

⁷ Para H. Pross, toda comunicação começa no corpo e termina no corpo e, portanto, o corpo é mídia primária (BAITELLO, Notas, 11/10/01)

Bibliografia

- ALBERTI, Verena. *O Riso e o Risível na História do Pensamento*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas,1999.
- BAITELLO, Norval Junior. *O animal que parou os relógios*. São Paulo: AnneBlume,1999.
- _____. *Notas de aulas da disciplina Semiótica da Cultura, transcrita por Mônica Ma. Martins de Souza*. 2001.
- _____. *Comunicação, Mídia e Cultura*. São Paulo em Perspectiva, Revista da Fundação Seade, vol 12, N° 4 out-dez, 1998, p.15-16.
- BAKHITIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento, contexto de François Rabelais*. São Paulo: Ednunb, 1996.
- BERGSON, Henri. *O Riso ,ensaio sobre o significação do cômico*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.
- BYSTRINA, Ivan. *Tópicos de Semiótica da Cultura*. São Paulo: CISC, 1995
- EIBL-EIBESFELDT,I. *EL hombre preprogramado*. 4^a ed. Madrid: Alianza,1983
- FREUD, Sigmund. *Obras Psicológicas, Antologia Organizada e Comentada por Peter Gay*. Rio de Janeiro: Imago Editora,1992
- _____. *Os Chistes e sua relação com o Inconsciente*. Imago Editora LTDA,1977
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- LOTMAN, Iuri. *A estrutura do texto artístico*. Lisboa: Editora Estampa, 1978
- OLIVEIRA, M. do C de. *A comunicação do recém-nascido de 0 a 5 horas: a respiração*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1995. Dissertação de Mestrado.
- PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso*. São Paulo: Editora Ática,1975
- PIRANDELLO, Luigi. *O Humorismo*.São Paulo: Editora Experimento, 1996.